

Doutoramento em Educação  
Seminários Transdisciplinares e Interuniversitários

# **TRANSFORMAR**

**António Nóvoa**

30 Nov 2021

3 Dez 2021

7 Dez 2021

10 Dez 2021

**Todas as sessões são às 18h30 (hora de Portugal)**



Estes quatro seminários do Doutoramento em Educação são oferecidos pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, em colaboração com sete universidades do Brasil, de Cabo Verde e de Moçambique: Universidade de Brasília, Universidade de Cabo Verde, Universidade Eduardo Mondlane, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade de São Paulo,

É nossa intenção iniciar a constituição de uma comunidade de estudos de pós-graduação em Educação, juntando as principais universidades dos países de língua portuguesa.

### **Responsabilidade das universidades**

As oito universidades envolvidas devem estabelecer a lista dos participantes, no máximo 35 estudantes por cada universidade, tendo em conta o limite da plataforma zoom que será utilizada para a participação *on line*.

Estas listas devem ser enviadas para o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (ztorres@ie.ulisboa.pt) com o nome dos estudantes e, eventualmente, de alguns professores que desejem participar, e os respectivos endereços de e-mail.

As oito universidades envolvidas devem creditar estes quatro seminários, da maneira que entenderem mais adequada, como parte da formação pós-graduada dos seus estudantes.

### **Responsabilidade do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa**

O Instituto de Educação da Universidade de Lisboa assume a organização destes seminários, sem quaisquer custos para as universidades ou para os estudantes.

O Instituto de Educação da Universidade de Lisboa enviará para todos os participantes uma *Antologia de textos* do Prof. António Nóvoa, para apoio aos Seminários.

Depois de receber as listas dos participantes, o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa enviará para cada um, por e-mail, o link para participação *on line* nos seminários. Se assim o entenderem, as universidades podem utilizar este link para projectar as sessões numa sala com vários alunos.

No final dos quatro seminários, o Instituto de Educação enviará para cada participante o respectivo *Certificado de frequência*.

### **Responsabilidade dos participantes**

Os estudantes que estiverem em Lisboa devem participar presencialmente, nas instalações do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Os estudantes dos outros países participam *on line*.

Todos os estudantes devem preparar-se para os seminários, nomeadamente através da leitura dos textos previamente enviados, comprometendo-se a respeitar as regras habituais do trabalho académico.

Os estudantes podem participar, com perguntas ou comentários, seja presencialmente, através do *chat* ou mesmo através de intervenções *on line*.

## PRIMEIRA SESSÃO | 30 NOVEMBRO 2021

### **Transformar a escola: Cem anos depois do 1.º Congresso Internacional da Educação Nova**

Em 1921, educadores de todo o mundo reuniram-se em Calais (França), no 1.º Congresso Internacional da Educação Nova. Tinham uma ambição imensa: construir “uma educação nova para uma nova era”. Estávamos a sair da Grande Guerra (1914-1918) e o mundo queria repensar-se através da educação.

Cem anos depois, em 2021, estamos a começar a sair, talvez, de uma pandemia devastadora que não só agravou, e muito, as desigualdades e as fracturas no mundo, mas tornou visível a necessidade de repensar a educação, a escola e o ensino. A pandemia não trouxe nenhuma novidade no campo da educação, mas acelerou a necessidade de mudanças e transformações.

Desde o princípio do século XXI, pelo menos, “visões futuristas” têm tido grande sucesso, juntando lógicas de “privatização” e de “tecnologização” da educação. É importante fazer a crítica destas tendências e construir um pensamento de futuro sobre a educação que valorize as dimensões públicas, comuns e humanas.

É neste sentido que a *Comissão Internacional sobre Os futuros da educação*, nomeada pela UNESCO, acaba de lançar um relatório intitulado *Reimagining our futures together: A new social contract for education* (este relatório pode ser consultado no site da UNESCO, [www.unesco.org](http://www.unesco.org)). É a partir dele que se elaborará uma reflexão ampla, histórica, projectada sobre o futuro, assente na necessidade de construir um novo *contrato social* na área da educação.

Os dois primeiros textos da Antologia procuram ajudar a construir esta reflexão.

O **texto 1**, *A metamorfose da escola*, transcreve uma intervenção na qual se apontam, brevemente, alguns elementos centrais da mudança do “modelo escolar”, tal como ele se constituiu no século XIX e se expandiu em todo o mundo ao longo do século XX.

O **texto 2**, escrito em co-autoria com Yara Alvim, procura reflectir sobre as consequências da pandemia. O título ilustra bem o argumento que nele se desenvolve: *Não há nada novo, mas tudo mudou: Um ponto de vista sobre a escola futura*.

## SEGUNDA SESSÃO | 3 DEZEMBRO 2021

### **Transformar a formação: Que futuro para os professores?**

As transformações da educação, do ensino e da escola atingem os professores e obrigam a uma redefinição da profissão docente. Para muitos, o futuro dos professores é duvidoso, já que poderão ser substituídos por outras pessoas e profissionais (pais, famílias, tutores, supervisores, facilitadores de aprendizagem...) com a ajuda de tecnologias cada vez mais sofisticadas, nomeadamente com o recurso à inteligência artificial.

Seria um futuro sem futuro, pois a educação implica a existência de um trabalho em comum num espaço público, implica uma relação humana marcada pelo imprevisível, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediado pelo conhecimento e pela cultura. Perder esta presença seria diminuir o alcance e as possibilidades da educação. Por isso, é tão importante reforçar os professores, a sua profissionalidade, autonomia, capacidade de inovação e de produção de conhecimento pedagógico.

O **texto 4** da Antologia, escrita em co-autoria com Yara Alvim, *Os professores depois da pandemia*, avança uma reflexão neste sentido, mostrando como são perigosos os discursos e as políticas que procuram diminuir a dimensão profissional dos professores.

Daqui, parte-se para uma análise das mudanças necessárias na formação de professores, sublinhando a importância da colaboração entre professores e de um *ethos* colectivo no exercício da profissão. Não se trata, claro está, de uma "colaboração forçada", mas antes da criação de condições, nas escolas e na profissão, para um trabalho que junte vários professores em torno de uma responsabilidade partilhada pela educação.

Neste sentido, a formação de professores precisa também de ser repensada, valorizando-se a criação de "terceiros lugares" (ver o **texto 3**, *Tres tesis para una tercera visión – Repensando la formación docente*), na linha do que vem sendo construído no Complexo de Formação de Professores do Rio de Janeiro, com base na UFRJ. Juntar as escolas e os professores, as universidades e as autoridades públicas na área da educação em torno de um mesmo lugar institucional é um caminho importante para valorizar os professores e a educação pública.

## TERCEIRA SESSÃO | 7 DEZEMBRO 2021

### **Transformar a universidade: Ainda vamos a tempo?**

Ao longo da crise pandémica de 2020-2021, as universidades têm-se mostrado desorientadas, confusas, incapazes de marcarem um caminho. É certo que os sinais de desorientação não são recentes. Há vários anos que as universidades andam enredadas em teias e contradições que as enfraquecem. Basta recordar os problemas crónicos de subfinanciamento e as tentativas de os superar através da importação acrítica de modelos de gestão empresarial; ou a imensa burocracia que ataca a vida académica, atingindo o coração da nossa autonomia e liberdade; ou a adopção de rankings e medidas que provocam a uniformização universitária e um produtivismo académico absurdo e fatal.

Num futuro próximo, as universidades podem tornar-se dispensáveis, substituídas por “cursos online”, por plataformas de inteligência artificial e por “centros empresariais” de desenvolvimento científico e tecnológico; ou podem renovar-se como instituições centrais para as sociedades contemporâneas. Será que ainda vamos a tempo?

Correndo o risco de uma excessiva simplificação, defendo que a chave para a reconstrução das universidades se encontra na palavra diferença, num triplo sentido: (i) diferença entre a universidade e as outras instituições; (ii) diferença entre universidades; (iii) diferença no interior de cada universidade. É disso que fala o **texto 5** da Antologia, *O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar*.

E nunca nos devemos esquecer que uma universidade se define, acima de tudo, pelo compromisso dos professores com o futuro dos seus estudantes. É esta a sua missão primeira. Para a cumprir, é preciso criar as melhores condições para uma *Pedagogia do encontro*, título do **texto 6**.

Na universidade, há uma tradição importante de valorização do encontro entre mestres e discípulos, como se percebe no extraordinário levantamento e crítica de textos feito pelo Jorge Ramos do Ó, em *Fazer a mão – Por uma escrita inventiva na universidade*. Porém, com raras excepções, estes mestres, notáveis no seu magistério, nunca inscreveram a questão pedagógica como tema de reflexão da sua própria vida universitária. Não basta ter intuição ou engenho. A capacidade de reflexão sobre o ensino e a pedagogia é fundamental na construção do futuro presente das universidades.

## QUARTA SESSÃO | 10 DEZEMBRO 2021

### **Transformar a investigação: O que tenho para vos dizer?**

Em 2014, escrevi uma *Carta a um jovem investigador em Educação*, texto 7, que li no Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Quatro anos mais tarde, em 2018, no Congresso da Comparative Education Society in Europe, proferi uma conferência que publiquei com o título *The return of the comparativist: Estrangement, intercession, and profanation* (texto 8 da Antologia).

Estes dois textos, muito diferentes, um de estilo epistolar, outro mais académico, têm um ponto em comum: realçar a importância do investigador ou, melhor dizendo, da pessoa-investigador. Nas últimas décadas, houve uma preocupação crescente, e bem, com os enquadramentos teóricos e conceptuais das pesquisas e com a sofisticação dos métodos e dos instrumentos de análise dos dados. Esta preocupação contribuiu, e muito, para o progresso da investigação em Educação e para a sua credibilidade científica.

Mas todos reconheceremos que, por vezes, as teses se transformaram em volumes imensos de teorias, que já explicam tudo antes mesmo de se estudarem os problemas, ou, ao contrário, numa longa enumeração ou apresentação de dados como se eles falassem por si, constituindo, como agora se diz, "evidências". A estas duas tendências, junta-se agora o pensamento por *big data*, por algoritmos ou sequências binárias. Durante algum tempo, a humanidade alimentou a ilusão de criar robots que agissem e pensassem como humanos. Mas é o contrário que nos está a acontecer: são os humanos que, agora, pensam como se fossem robots.

O que parece faltar é o terceiro vértice do triângulo, juntando os conceitos/teorias e os métodos/dados com a pessoa do investigador, com a afirmação do seu papel próprio, específico, único, como conhecedor e como escritor do conhecimento. É sobre o lugar insubstituível da pessoa-investigador que tenho alguma coisa para vos dizer nesta quarta, e última, sessão dos Seminários de Doutoramento que têm em comum o verbo TRANSFORMAR.